



SÃO TORO
GUARREIRO
LIVRAI-SE DA INVEJA, DA MALDADE DA TRAIÇÃO



AS MUITAS
FACES DE
JORGE

Ministra da Cultura

Ana de Hollanda

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Luiz Fernando de Almeida

Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial

Ana Gita de Oliveira

Diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Claudia Marcia Ferreira

Coordenação Técnica

Lucia Yunes

Coordenadora do Setor de Pesquisa

Maria Elisabeth Costa

Coordenadora do Museu de Folclore Edison Carneiro

Elizabeth Bittencourt Paiva Pougy

Coordenadora da Biblioteca Amadeu Amaral

Marisa Colnago Coelho

Coordenadora do Setor de Difusão Cultural

Lucila Silva Telles

Coordenação Administrativa

Luiz Otávio Monteiro

EXPOSIÇÃO**Pesquisa e texto**

Rebecca de Luna Guidi e Maria Beatriz Porto

Projeto expográfico

Luiz Carlos Ferreira e Talita de Castro Miranda

Edição e revisão de textos

Lucila Silva Telles e Ana Clara das Vestes

Programação visual

Lígia Melges e Carolina Niemeyer

Produção e montagem

Cristiane de Lima Ferreira, Jorge Guilherme de Lima, Leila Teles, Luiz Carlos Ferreira e Talita de Castro Miranda

Produção

Axis Creative – Lily K. Elias (direção cenotécnica), Rogério Emerson (iluminação)

Acervos

Museu de Folclore Edison Carneiro e Biblioteca Amadeu Amaral/CNFCP

Ricardo Gomes Lima

Conservação do acervo

Vanessa Moraes Ferreira e Daniele dos Santos da Silva; Douglas de Lima Gualberto, Keyla de Assis Waltz, Luciana Lacombe Magoulas e Mariana Gomes Lameu (estagiários)

Edição de trilha sonora

Alexandre Coelho

Fotografia

Ananda Porto (p.4, 17, 28, 30, 31, 32, 36, 44, 50-esq/abaixo), Francisco Moreira da Costa (p.6, 10, 12-14, 16, 18, 20, 21, 23-26, 29, 33, 35-abaixo, 46, 47-abaixo, 49, 50-dir/abaixo), Gisele Muniz (p.34, 47-acima), Márcio Vasconcelos (p.48), Agência Escola Imagens do Povo – AF Rodrigues (p.8), Elisângela Leite (p.27, 50-acima, 54), Fábio Caffé (p.38, 41, 42), Rato Diniz (p.45), Walter Mesquita (p.35-acima), Francisco César, Ingrid Cristina, Thais Morelli, Thiago Carminati

Filme exibido na exposição

Uma festa para Jorge

Direção: Isabel Joffily e Rita Toledo, 2009 DocTv.

Agradecimentos

Bianca Arruda, Maria Claudia Pitrez, Agência Escola Imagens do Povo, Fabio Caffé, Isabel Joffily, Rita Toledo, Mário César Figueiredo, Márcio Pacheco (Beco do Rato).

Realização

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Ministério da Cultura

M953 As muitas faces de Jorge: aspectos da devoção ao santo guerreiro / pesquisa e texto de Maria Beatriz Porto e Rebecca de Luna Guidi. – Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2011.

56 p. : il.

ISBN 978-85-7334-184-3

Catálogo da exposição realizada na Galeria Mestre Vitalino no período de 19 de abril de 2011 a 31 de julho de 2011.

1. Religiosidade Popular – Rio de Janeiro. 2. São Jorge. 3. Devoção. I. Porto, Maria Beatriz, org. II. Guidi, Rebecca de Luna, org. III. Série.

CDU 2:398(815.3)

AS MUITAS FACES DE JORGE

cnfcp | iphan | minc

2011



AGRADECIMENTOS

Esta exposição foi elaborada a partir de pesquisas bibliográficas. É, portanto, fruto de um trabalho coletivo, não apenas do ponto de vista da equipe institucional, mas também do número de obras relacionadas ao tema que articula e nas quais se baseia. Gostaríamos de agradecer a todos os autores que nos forneceram subsídios para a elaboração desta exposição, especialmente à Bianca Arruda e à Maria Cláudia Pitrez, que, além de suas dissertações de mestrado, fundamentadas em experiências etnográficas, dispuseram também de seu tempo para conversas inspiradoras sobre o tema.



São Jorge. 35,1 x 27,1 cm. Óleo s/ tela. Ermelinda de Almeida, Rio de Janeiro (RJ). Acervo CNFCP

*Jorge sentou praça
Na cavalaria
E eu estou feliz porque
Eu também sou da sua companhia
Eu estou vestido com as roupas
E as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham pés
E não me alcancem
Para que meus inimigos tenham mãos
E não me toquem
Para que meus inimigos tenham olhos
E não me vejam
E nem mesmo um pensamento eles possam ter para
me fazerem mal...
(Jorge da Capadócia, Jorge Ben Jor)*

O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular apresenta a exposição “As muitas faces de Jorge”, há tempos acalentada, para celebrar uma devoção popular que mobiliza milhões de fiéis em todas as partes do Brasil.

O santo guerreiro, aquele que vence o dragão, é padroeiro de diversos países e cidades, como Inglaterra, Portugal, Lituânia, Moscou e, extraoficialmente, até da Cidade do Rio de Janeiro.

O Jorge das muitas festas, igrejas, músicas e representações de fé agrega devotos de diferentes religiões do país, homenageado e reverenciado seja como santo da Igreja Católica, como Ogum na Umbanda ou ainda como Oxóssi no Candomblé. No Rio de Janeiro, missas, cavalgadas, feijoadas e carreatas colorem de vermelho e branco o dia 23 de abril de cada ano, que nasce com uma alvorada de fogos demarcando a chegada dos festejos.

Nas representações singulares de artistas naturais de diferentes estados brasileiros que integram o acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro, temos o reconhecimento da popularidade do santo que conquista um exército de corações. Com essa coleção, saudamos o guerreiro e celebramos com o público, vestidos com as armas de Jorge.

Claudia Marcia Ferreira

diretora | Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular



AS MUITAS FACES DE JORGE

Aspectos da devoção ao Santo Guerreiro

Em 1969, o Papa Paulo VI reformou o calendário litúrgico, declarando opcional a observância dos dias festivos dos santos sobre os quais não havia documentação histórica. São Jorge, incluído nesse rol, fora ‘cassado’. O Rio de Janeiro, contudo, transformou a observância opcional em feriado municipal e, depois, estadual¹, o que confirma a grande devoção já arraigada. Assim, a cada 23 de abril, veste-se e arma-se com as roupas e as armas de Jorge, para que “nem mesmo em pensamento os inimigos possam fazer mal”.

As dezenas de milhares de pessoas que acorrem às igrejas antes mesmo do raiar desse dia são, acima de tudo, homens e mulheres que, ao longo do ano, enfrentam o dia a dia, batalhando por si e pelos seus – guerreiros como São Jorge. Seus devotos estão acostumados a distinguir sua imagem matando o dragão nas sombras das crateras lunares, visíveis nas noites de lua cheia, e, mesmo quando esta não está plena, sentem-se protegidos por sua figura guerreira, sempre presente na “lua de São Jorge”.

¹ O feriado municipal dedicado a São Jorge data de novembro de 2001, pela Lei nº 3.302, e o estadual é instituído pela Lei nº 5.198, de março de 2008.

O GUERREIRO, O MÁRTIR, O SANTO

Falar sobre a *história* de São Jorge implica considerar a própria diversidade de narrativas elaboradas ao longo do tempo sobre o santo, seja em linguagem escrita ou oral, bem como o fato de que cada qual reivindica estatuto de verdade. Sabendo disso, nosso interesse não é buscar uma verdade de tom absoluto, mas descrever resumidamente algumas versões diferentes sobre a vida do santo tendo como horizonte o dinamismo de suas construções e a coexistência.

Podemos, para começar, nos basear na argumentação da historiadora Georgina dos Santos (2005), que aponta três versões sobre a vida de São Jorge atribuídas ao período classificado como Alta Idade Média (séculos V a X). Na mais antiga delas, que tem como base escritos gregos, São Jorge teria vivido no período do imperador persa Graciano. Este teria sido confrontado por São Jorge devido à adoração de ídolos pagãos. O santo teria sofrido perseguições e torturas, e, sempre comprovando sua fé e crença cristãs por meio de milagres e atos mágicos, morreu degolado.

Uma segunda versão, supostamente elaborada em uma data precisa, o ano de 916, traz referências a elementos tais como dados



Ícone Búlgaro de São Jorge matando o dragão.
Anônimo. Museu Histórico Distrital, Bulgária.
(Machado, 2009)

da vida do santo, a localização geográfica de sua origem e sua profissão. Conforme aquela autora, essa versão reflete uma nova configuração da espiritualidade naquele momento da Alta Idade Média, quando se enfatizavam características mais mundanas dos santos e, conseqüentemente, se evitava o excesso de elementos mágicos e fantásticos.

Segundo essa narrativa, São Jorge nasceu em uma família nobre da Capadócia, na atual Turquia. Ainda criança perdeu seu pai, que também era guerreiro. Tornou-se soldado do Império Romano, conquistando glórias pela sua atuação.

Conta-se ainda que ele teria entrado em conflito com o imperador romano Diocleciano. A historiografia demonstra que este promoveu um dos períodos mais violentos de perseguição e extermínio de cristãos durante o Império Romano, decretando quatro éditos de perseguição no período de apenas um ano, de 303 a 304 (Bartholo, 1991).

Insurgindo-se contra os atos de crueldade do imperador contra os cristãos, o santo teria lutado e performado milagres, assim convertendo muitos ao cristianismo. Em contrapartida, teria passado por uma série de suplícios, sempre superando-os, com a ajuda, conforme afirmava, do Deus cristão, sendo por isso tomado por feiticeiro. No entanto, jamais deixou de confessar a sua fé, característica que define, no sentido estrito, um mártir. A data de sua morte seria justamente o dia 23 de abril do ano 303, quando teria sido decapitado aos 23 anos de idade.

Em ambas as versões são narrados milagres de cura do santo, que buscava o amparo de Deus nas torturas impostas por seus inimigos pagãos. Esta última versão apresentada é propagada até os dias de hoje pela Igreja Católica Apostólica Romana, ao menos as capelas, igrejas e paróquias dedicadas ao santo, e nesse aspecto se inscreve em um tipo de devoção específico: aquele de exaltação dos mártires.

Podemos observar, até mesmo pela obra de artistas populares, que esses dados foram amplamente divulgados e assimilados, como no caso dos cordelistas, que relatam a vida, suplícios e morte

do santo, além de assimilar novos elementos, como a chegada do homem à lua, o que teria provocado uma guerra territorial entre santos e astronautas, segundo a criatividade da cordelista Erotildes Miranda dos Santos.

A terceira versão representa uma reaproximação com elementos fantásticos e míticos. Trata-se de um episódio na vida do santo que ainda apresenta seu martírio e morte como desfecho. Ela foi documentada no século XIII pelo arcebispo de Gênova Jacopo de Varazze (1236-1298) em sua compilação de hagiografias² “Legenda Áurea”. Envolve a lenda da cidade de Silca, província da Líbia, aterrorizada por um dragão que vivia em um lago próximo. Para aplacar sua fúria, eram-lhe oferecidas ovelhas. Com o tempo, a quantidade de ovelhas já não era suficiente e, por fim, pessoas passaram a ser oferecidas.

O sacrifício era definido por sorteio, do qual nenhum habitante da cidade estava excluído. E, assim, a única filha do rei foi escolhida como a próxima a ser sacrificada, quando São Jorge aparece na região. Evocando a Deus e fazendo o sinal da cruz antes de enfrentar a fera, o santo o fere com sua lança. O dragão domado é então por ele levado para o interior das muralhas da cidade.

Lá, São Jorge diz aos habitantes: “Nada temam, o Senhor me enviou para que eu os libertasse das desgraças causadas por este dragão. Creiam em Cristo e recebam o batismo, que eu matarei o dragão” (Varazze, 2003). Naquele dia, 20 mil homens teriam sido batizados. Assim, o guerreiro mata o dragão com sua espada, libertando a cidade e convertendo-os ao cristianismo.

² Hagiografias são as histórias de vida dos santos.



São Jorge matando o dragão. Edward Burn-Jones. The British Museum, Londres. (Machado, 2009)

Em algumas versões, como a atribuída à Inglaterra, após o ocorrido, ao santo teria sido concedida a mão da princesa em casamento e ambos teriam tido muitos filhos. Já em outras, teria declinado do casamento, seguindo seu destino de lutas.

Em certa medida, os elementos de que se compõe essa terceira

versão são semelhantes àqueles encontrados nos romances de cavalaria e nos contos de fadas. Nela recompõe-se simbolicamente a temática da eterna luta do bem contra o mal e do triunfo da justiça e do amor.

Aos elementos apresentados por essas versões somam-se vários outros e ainda várias maneiras de combiná-los. Dessa forma, são mobilizados conforme as diferentes concepções do santo que vão sendo compostas e que dizem respeito aos contextos sociais específicos em que é cultuado, como também a elementos aos quais mais se identificam seus devotos.

Nesse caso, assim como com outros santos, é como se ao seu redor fosse articulado um “repertório de atributos, ou um

fundo de representações, passível de ser combinado de diferentes formas”, conforme ressalta Menezes (2004).

Detenhamo-nos um momento no culto aos santos, que constitui um dos pilares do catolicismo. Os santos são considerados aqueles que intermedeiam a relação entre Deus e indivíduos ou mesmo coletividades. Seriam homens excepcionais que oferecem, por meio de sua conduta de vida, exemplos de como seguir a vontade divina.



São Jorge. 93,5 x 62,5 x 37 cm. Gerar, Barra (BA). Acervo CNFCP

Como argumenta Maria Elisa Carvalho Bartholo (1991), os primeiros santos da igreja católica que obtiveram reconhecimento oficial teriam sido os mártires, e por muitos séculos o martírio teria sido considerado o sinal mais predominante e visível de santidade. “Ser santo, então, era morrer não só por Cristo, mas *como* ele.” (Woodward, K., *apud* Guttilla, 2006).

Ainda segundo a autora, o culto aos santos mártires tinha como base material as “reliquias” – objetos, vestes ou partes do corpo dos santos – que seriam impregnadas de uma energia especial, a *virtus*, uma espécie de “fonte de graça”, capaz de atrair multidões que as veneravam buscando milagres pelo contato ou proximidade física dos objetos santos.

Como vimos nas histórias relatadas pelas diferentes versões, São Jorge teria passado por uma série de torturas, sempre comprovando sua crença cristã por meio de milagres de cura e outros. O santo teria, então, indagado a Deus o que aconteceria a todos aqueles que invocassem seu nome, tendo como resposta que “suas reliquias seriam honradas, assim como suas vestimentas, e que elas supririam toda a sorte das necessidades” (Santos, *apud* Pitrez, 2007:25). Assim, o suplício, os feitos e, sobretudo, a santidade estariam investidos nos objetos que se convertem em objetos santos, sagrados, dando suporte ao “culto às reliquias”.

Apesar da obscuridade e controvérsias nas fontes documentais, os indícios mais sugestivos informam que a cidade de sepultamento de São Jorge foi Lydda (localizada no Oriente próximo), onde foi construído um grande templo em sua homenagem, aberto aos fiéis. Há ainda informações de que esse templo teria sido destruído e reconstruído diversas vezes em consequência de disputas territoriais



Centro Espírita Caminhos da Verdade (RJ), 2008

no Oriente Médio, região de importância simbólica para diferentes tradições religiosas.

Uma vez que a adoração de reliquias depende da proximidade espacial dos fiéis com os objetos, ela implica também uma devoção aos santos que é restrita e limitada fisicamente.

Dessa forma, a representação iconográfica das imagens dos santos católicos torna-se um elemento revolucionário no culto a santidades. Imagens foram e são essenciais para a disseminação e universalização da devoção, funcionando como veículos de “propaganda do culto” (Bartholo, 1991).

Uma vez divulgado seu culto, pode-se estabelecer relações mais profundas de identificação com os santos, como a frequente atribuição do papel de padroeiro, protetor especial de diversos tipos de coletividades. São Jorge, por exemplo, foi e é padroeiro de países e cidades tanto no Ocidente como no Oriente, tais como Portugal, Gênova, Veneza, Barcelona, Grécia, Inglaterra, Beirute, Lituânia, Istambul, Moscou, entre outros. Cada um deles mobiliza diferentes razões para tal identificação com o santo.

Há quem acredite que a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, faria ótimo uso do auxílio de São Jorge:

A situação do país não anda nada boa. Há muita violência, corrupção e miséria e Nossa Senhora não conseguiu dar jeito nisso sozinha. Por isso está na hora de São Jorge ser considerado o padroeiro, para as coisas não continuarem do jeito que estão. São Jorge consegue solucionar tudo isso, porque foi capaz de enfrentar o mal e derrotar. Assim não tem causa que ele não dê jeito.

(Antônio, entrevista a Arruda)

O santo também é declarado padroeiro de categorias de ofícios, principalmente as ligadas ao ferro e ao fogo, bem como aqueles relacionados a situações de combate. Muitos ferreiros, serralheiros, barbeiros, funileiros, couteiros, até os dias atuais,

relacionam sua profissão à proteção do santo. Também o Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, os escoteiros e a cavalaria do Exército brasileiro o têm como padroeiro.

Isso se aplica igualmente a instituições recreativas como escolas de samba e times de futebol. Podemos mencionar algumas escolas de samba no Rio de Janeiro, como Império Serrano, Grande Rio, Estácio de Sá, Salgueiro, União da Ilha, Beija-Flor de Nilópolis, Império da Tijuca. No caso do futebol, o santo é padroeiro de um dos times de maior torcida do país, o Corinthians, que não por acaso tem por sede o Parque São Jorge, na cidade de São Paulo.

Para encerrar a apresentação do santo, podemos voltar nossa atenção à questão anteriormente mencionada da 'cassação' de seu culto. Conforme podemos depreender pela leitura de Bartholo (1991), ela diz respeito à questão do reconhecimento oficial por parte da Igreja Católica e a mudanças em seus critérios.



Igreja dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge, Centro (R.J.), 2009.

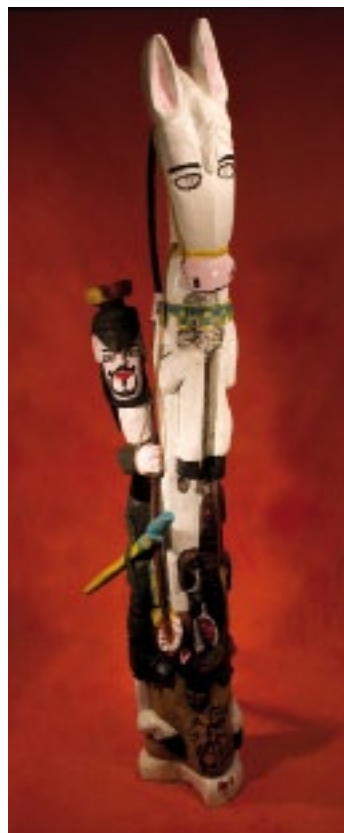


Segundo a autora, a primeira forma de reconhecimento da santidade associa-se ao martírio dos primeiros cristãos que ousaram afirmar sua fé por oposição a outras crenças. Com o tempo, outras categorias de santidade foram incorporadas ao repertório da Igreja. Podemos assim observar, no panteão dos santos, personagens como reis, bispos e monges católicos.

Até o ano de 401, quando do Concílio de Cartago, os santos eram reconhecidos pelos seus devotos e as figuras centrais do aval eclesiástico eram os bispos locais (Bartholo, 1991). Essa data representa para a Igreja o marco de um processo, digamos, de racionalização da crença em santidades, que passa a ser enquadrada juridicamente, tornando-se objeto de processos disciplinares estabelecidos. De maneira mais ampla, tal processo diz respeito à organização do culto católico como um todo.

No período de 1200 a 1500 o reconhecimento da santidade passa a ser objeto de maior controle por parte do papado, assumindo paulatinamente a forma da canonização. Por fim, em maio de 1969, o processo de racionalização do culto aos santos vive seu ápice com o II Conselho do Vaticano e a reforma do calendário litúrgico promovida pelo papa Paulo VI (Bartholo, 1991).

Assim se estabelece uma tensão entre os procedimentos mais recentes de reconhecimento oficial e a devoção já amplamente estabelecida e arraigada a alguns santos, mas que não atendia aos critérios estabelecidos para a canonização em sua acepção moderna.



São Jorge. 2,3 m x 35,5 x 68,3 cm. Antônio de Dedé, Lagoa da Canoa (AL). Acervo CNFCP

O culto a São Jorge – assim como a outros santos, entre eles, Santa Bárbara e Santa Filomena – foi um dos questionados dentro da Igreja Católica, pois havia muitas informações conflitantes e falta de documentação que as atestasse. Principalmente no Rio de Janeiro, muitos padres se desfizeram das imagens do santo, que teriam tido como destino centros de umbanda na cidade (Arruda, 2008).

No entanto, podemos constatar que, no Rio de Janeiro e em muitos locais no Brasil, essa cassação não significou, em absoluto, o abalo da fé dos devotos de São Jorge. Ao contrário, resultou em manifestações públicas de devotos contrários à decisão por todo o país.

Até aqui discorremos sobre quem é Jorge, o guerreiro, o mártir e o santo e algumas formas de vinculação dos devotos a ele. Vamos focar agora outro tipo de narrativa, de cunho histórico, que pretende demonstrar que a origem da devoção a São Jorge no Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro, está também implicada na relação com o Reino de Portugal.

HERANÇAS DO ALÉM-MAR

O culto português a São Jorge tem sua origem fixada no período de fundação do Reino de Portugal, no século XII. Entretanto, é o evento inaugural do período da Dinastia dos Avis (1385-1581), a batalha de Aljubarrota, que é considerado decisivo para que o santo seja cultuado como padroeiro daquele país, por ter sido o intercessor das tropas portuguesas na vitória contra o “dragão castelhano”, evitando a união das coroas de Portugal e Espanha, ou seja, o fim da independência do reino lusitano. Por esse motivo, logo depois do episódio, o rei D. João I dá o nome à casa real de Castelo de São Jorge³.

³ O santo dá nome a outras instituições políticas importantes no Ultramar, como a importante fortaleza da Costa da Mina, na África, nomeada, por D. João II, de São Jorge.

É interessante notar aqui como as justificativas para o estabelecimento das relações de devoção realmente são situacionais. Assim, não há nada que impeça São Jorge de ser patrono tanto de Barcelona, cidade espanhola, quanto de Portugal, mesmo se tratando de países historicamente rivais.

De acordo com Beatriz Catão Santos (2006), as procissões do Corpus Christi, em Portugal, proporcionaram a ampliação dos espaços de circulação da imagem de São Jorge do universo da corte para o popular. A festa, considerada a mais importante da Igreja Católica portuguesa, era organizada pela Câmara e financiada por seus participantes, dentre eles os oficiais camarários, os oficiais mecânicos⁴, do clero e, por vezes, a nobreza. Em 1387 foi determinado que, na procissão, a imagem de São Jorge montada sobre um cavalo deveria acompanhar os ofícios mecânicos ligados aos homens de ferro e fogo, da Casa dos Vinte e Quatro⁵, daí se atribuir a sua ligação aos barbeiros e sangradores, e também ferreiros e serralheiros. Os membros dos ofícios da Irmandade de São Jorge, na Casa dos Vinte

4 Os ofícios mecânicos eram trabalhos manuais que requeriam experiência e transmissão entre gerações.

5 A Casa dos Vinte e Quatro funcionou de 1383 a 1834. Era uma instituição que possibilitava a representação dos artesãos portugueses na Câmara Municipal de Lisboa. Contava com dois oficiais, chamados homens bons, representantes dos doze ofícios, além de um juiz de paz e procuradores. As corporações destes ofícios também se chamavam bandeiras e estavam sobre a proteção de um determinado santo, como, por exemplo, São José, protetor dos carpinteiros, e São Crispim, dos sapateiros.



São Jorge. 18,5 x 16,6 cm. Ramiro Barboza, Natal (RN). Acervo Ricardo Lima



São Jorge. 10,6 x 4,8 x 8,3 cm. Leonilson, Capela (AL). Acervo Ricardo Lima

e Quatro, comporiam a segunda maior corporação de Lisboa.

Segundo essa interpretação, a devoção ao santo teria chegado ao Brasil com os portugueses, por meio das festas como Corpus Christi, seguindo uma característica religiosa, da corte e popular, mas também por outros cultos em irmandades e paróquias devotas do patrono do Império português.

Em 1741, a Irmandade de São Jorge foi instalada na Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto, localizada na atual Rua da Assembleia, centro da cidade do Rio de Janeiro, e declarada aberta à presença de negros. O primeiro

compromisso da Irmandade teria sido de que todos desta cidade que trabalhassem com ofícios de ferro e fogo nela ingressassem, ou seja, os serralheiros, ferreiros, cuteleiros, espingardeiros, barbeiros, entre outros.

Outro elemento apontado como compromisso da Irmandade era com a festa de Corpus Christi, que se iniciou no Brasil no século XVII, e no período colonial se realizava por meio de missa cantada e sermão, além da procissão. Nas celebrações no Rio de Janeiro durante o Império, de acordo com Georgina Santos (*apud* Pitrez, 2007), São Jorge era o único santo a integrar o cortejo, que seguia pela Rua de São Jorge (atual Gonçalves Ledo), e desfilava sua figura, com armadura, escudo e capa de veludo, em cima de um corcel branco, ladeado por escravos, seguido pela Irmandade, 24 cavaleiros da Quinta da Boa Vista e os devotos. A única figura capaz de competir com o mártir seria o imperador, que em sinal de piedade desfilava com a cabeça coberta.

O fim da procissão do Corpus Christi, em meados do século XIX, não representaria uma desconexão total da sociedade com a devoção ao santo, que permanece como patrono de instituições e corporações públicas, como o Corpo de Bombeiros, a cavalaria da Polícia Militar do Rio de Janeiro e também do Exército brasileiro (Pitrez, 2007).

Ainda em relação ao aspecto da continuidade da devoção, alguns autores, como a própria Georgina dos Santos, atribuem grande importância à intensa conexão estabelecida entre São Jorge e os orixás Ogum, no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e outros estados, e Oxóssi, na Bahia, bem como em algumas casas de candomblé e umbanda no Rio de Janeiro. Narrativas explicativas e mitológicas também podem ser verificadas a esse respeito.

Os orixás são considerados ancestrais divinizados, intermediários entre humanos e as forças da natureza. Reginaldo Prandi, em sua *Mitologia dos orixás* (2001), indica que, no continente africano, o culto aos orixás assumia caráter limitado a certas cidades ou regiões, e as versões mitológicas apontavam muitas vezes para a relação das divindades com elementos territoriais, como rios e montanhas. Quando esse tipo de culto chega ao Brasil, pode-se observar a reunião dos orixás em um único panteão. Tal processo diz respeito, principalmente, à institucionalização do candomblé no Brasil, o que representou um movimento de cunho não apenas religioso, mas também político, de lideranças negras que buscavam unir os diferentes povos aqui representados por escravizados por meio de suas manifestações religiosas, uma vez que provinham de diferentes regiões do continente africano (Verger, 1997:14).

Apontado como dono dos caminhos e desbravador das florestas, bem como das oportunidades de realização pessoal, Ogum teria apresentado o ferro aos homens, possibilitando assim o cultivo da terra, ou seja, a agricultura, a partir do uso de instrumentos como cavador, pá e enxada. Nesse sentido, é relacionado à metalurgia e à tecnologia.



Roda de orixá. 18 x 32,5 x 40,7 cm . Elson Alves dos Santos, Barra (BA). Acervo CNFCP



Ferro de Oxóssi. 34,3 x 16 cm. Autor desconhecido., Salvador (BA). Acervo CNFCP
Fio de contas de Ogum. Jorge Rodrigues, Rio de Janeiro (RJ). Acervo CNFCP

O mesmo material que proporciona a confecção de instrumentos agrícolas também possibilita a forja de armas bélicas, como punhais, espadas e lanças. Por isso e pelo seu temperamento, Ogum é associado à guerra, tido como um grande guerreiro, orixá soldado das lutas e demandas.

É identificado, ainda, como o orixá da caça e da pesca, daí sua proximidade com Oxóssi, considerado o grande caçador (Prandi, 2001). Além disso, vários mitos relatam a relação entre ambos, figurando ora como irmãos, ora como estranhos que se encontram e estabelecem laços.

Algumas versões míticas apontam Ogum como filho de Iemanjá. Seu pai geralmente é identificado como Obatalá ou Oxalá, considerado o maior dos orixás. Muitas narrativas mitológicas indicam contendas frequentes entre Ogum e Xangô, caracterizado como dono do trovão e governador da justiça. Dessas contendas narradas, algumas dizem respeito à disputa pelo amor de Oxum,

Oxóssi – Santos e seus orixás baianos. J. Barros, Glória do Goitá (PE). Acervo CNFCP



orixá feminino ao qual são relacionadas a fertilidade e a vaidade, além do ouro e das águas doces.

As cores que podem ser identificadas como azul escuro, verde ou o vermelho, branco e amarelo, podendo variar conforme as filiações da casa que o cultua. Sua comida é o *erã* (cabeça de boi e carne verde⁶), além do galo e do feijão, daí serem frequentemente servidas feijoadas em suas festas (Cascardo, 1979).

⁶ Carne verde é a carne fresca, produzida pelo corte de gado criado em pasto, com atenção à sua alimentação, mas sem estímulos de engorda e utilização de adubos no pasto. Já era comercializada desde o período colonial.



Igreja dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge, Centro (RJ), 2007

À direita, Igreja Matriz de São Jorge, Quintino, 2010

“QUEM FAZ O SANTO É O POVO”

Há uma série de igrejas e capelas católicas dedicadas ao Santo por todo o país e que celebram o seu dia. Só no município do Rio de Janeiro, por exemplo, podemos citar a dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge, localizada no Campo de Santana, centro da cidade, a Paróquia de São Jorge, em Quintino Bocaiúva, a Capela de São Jorge, em Santa Cruz, além de outras em Bangu, Campo Grande, Duque de Caxias, Inhaúma, Nova Iguaçu, entre outras, bem como centros de umbanda e terreiros de candomblé onde o santo também é cultuado.

São muitas as festas e celebrações no dia que Ihe foi consagrado. Podemos observar, como bem aponta Arruda (2008), a conformação de um circuito de festas e celebrações ao santo na cidade do Rio de Janeiro, que, apesar de não serem contíguas

7 Câmara Cascudo, 1974.



no espaço urbano, são reconhecidas em sua totalidade por seus usuários. Tal circuito é conformado por localidades distintas, onde se organizam diferentes atividades. Algumas delas são de natureza mais solene e formal, como as missas e procissões realizadas pelas igrejas. Outras possuem um caráter lúdico e recreativo mais acentuado, como as cavalgadas, carreatas, shows, feijoadas e sambas.

Nas igrejas e capelas católicas dedicadas a São Jorge, o período que antecede as festas é marcado não apenas por sua organização, mas também por algo que podemos caracterizar como concentração ritual. Trata-se de um período marcado por novenas e missas, geralmente acompanhadas por aqueles que se relacionam cotidianamente com a igreja, integrando assim a sua 'comunidade paroquial'.

Já no dia 23 de abril, verifica-se que por esse circuito celebrativo circulam muito mais pessoas do que os frequentadores mais assíduos das igrejas. São devotos que vêm de todos os cantos da cidade e que podem ser católicos, ou mesmo umbandistas e candomblecistas. Segundo Medeiros (1995), as festas dedicadas ao santo seriam espaços privilegiados para se observar as 'fronteiras do sagrado', que se dão conforme o contato entre diferentes crenças e práticas naqueles espaços.⁸

Além dos devotos, nas festas das igrejas católicas circulam pessoas que



ali estão por motivações diversas, por exemplo, comerciar nas barracas de comidas, bebidas e souvenirs ligados ao santo, como imagens, fitinhas, medalhas, flores de pano vermelhas, além de todo tipo de objeto votivo ou não. A simples aglomeração de pessoas pode também representar uma oportunidade de diversão para outros.

Esse tipo de ocupação ao redor das igrejas geralmente acompanha as festas religiosas e pode ser organizada no âmbito da própria igreja, para a qual é revertida a renda obtida, ou, o que é frequente nas grandes cidades, organizada (ou não) por pessoas que não necessariamente têm filiação com a igreja, mas que veem na festa uma possibilidade de geração de renda.

Apesar de ser classificado por muitos como o lado profano das festividades, tal espaço de celebração liga-se intrinsecamente às atividades consideradas sagradas. Nele, os devotos podem festejar seu santo de maneiras diversas, e uma delas é beber e comer em sua homenagem, principalmente quando a comida e a bebida são a ele relacionadas. A cerveja, por exemplo, é por muitos associada a São Jorge:

⁸ Para uma discussão acerca das diferentes estratégias de lidar com essas situações de tensão entre credos, características de momentos como as festas de santo, ver Arruda, 2008.



(...) a cerveja é de São Jorge. Você não vai dar cerveja para Nossa Senhora, está entendendo? Nossa Senhora ganha flores, ganha presente, São Jorge ganha cerveja. Você pode até dar flor para São Jorge, mas não dá cerveja para Nossa Senhora.

(José, entrevista a Arruda)

Por toda a cidade podemos encontrar celebrações em homenagem ao santo que envolvem a distribuição gratuita de comida, principalmente a feijoada, devido à associação do feijão a Ogum. Nesse aspecto, podemos ver como essa prática de distribuição farta de alimentos, presente nos festejos aos santos tanto no âmbito rural, quanto no urbano, dificilmente será abandonada em favor do comércio do gênero no período das festas, pois se configura como um componente importantíssimo que, como ressalta Zaluar (1983), aproxima e simboliza a união entre as pessoas. Muitos devotos oferecem refeições como forma de pagamento de promessas, garantindo a proteção do santo e partilhando com todos suas possibilidades.

Nas festas católicas dedicadas a São Jorge são realizadas missas dentro e fora dos espaços das igrejas, além de procissões e outras atividades, como bingos beneficentes e serestas. Cada uma delas organiza de diferentes formas as celebrações, e, conseqüentemente, a relação com seu espaço interno e externo, conforme os contextos locais específicos em que se inserem. Podemos ver, assim, que o comércio das barracas não é a única forma de ocupação do espaço externo e circundante das igrejas.

Um exemplo da relação com o espaço da festa é a forma como a Igreja dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge, como estratégia de ampliação das atividades do culto católico no dia 23 de abril, vem transformando o seu entorno. Segundo Maria Claudia Pitrez (2007), houve um aumento significativo das missas campais oferecidas, sendo que aquelas que ocorrem dentro da igreja – a da alvorada dos militares e a dedicada à irmandade, funcionários e benfeitores – passaram a apresentar um caráter, digamos, mais oficial do culto.

A ordenação do espaço externo à igreja, e pertencente à jurisdição da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, passou a ser alvo de maior controle por parte desta devido ao crescimento da circulação de pessoas e do número de “barraqueiros” que ali se organizam de tal forma que padronizam suas lonas com as cores do santo, dividindo os custos de infraestrutura, como a montagem

das barracas e os pontos de energia, além de negociarem a licença para o funcionamento das barracas com a prefeitura.

Quanto à relação da Igreja dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge com o espaço da cidade, não podemos deixar de mencionar a sua



centralidade, não apenas em termos da grande visibilidade, por estar situada na região central, local de grande circulação de pessoas, de significativa concentração comercial – bem próximo à Saara (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), além de outras tantas empresas e órgãos públicos de função administrativa ou política –, e pela quantidade de meios de transporte que concentra (ônibus, metrô, trem, barca e avião). Trata-se de um reduto histórico de ocupação da cidade e de uma igreja bissecular, tradicional nesse sentido, conforme apontado quando tratamos da influência portuguesa na devoção ao santo.



Igreja dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge

Já na madrugada do dia 23 de abril, toda a dinâmica comercial do entorno da igreja sofre grande transformação. Muitos devotos começam a chegar na noite do dia anterior e ficam à espera da abertura de suas portas para conseguir garantir um bom lugar para a missa da alvorada. Nesse momento, o comércio das barracas já funciona atendendo ao público. No dia 23, devido ao feriado, o comércio fecha as portas, e aquela região do Centro vive o dia de não trabalho: suas ruas ficam mais vazias, como nos domingos, porém o afluxo de pessoas que frequentam a festa proporciona uma movimentação diferenciada.

Na Paróquia de São Jorge, em Quintino Bocaiúva, se observa igualmente o aumento do número de pessoas que acorrem às celebrações, porém, a estratégia da instituição foi buscar viabilizar a compra de um terreno contíguo, a fim de aumentar o tamanho do



templo, podendo assim atender um maior número de fiéis e manter o controle da celebração sob sua jurisdição. Não possuímos informações sobre a organização da atividade de venda das barracas, tendo sido relatado por Arruda (2008) que muitos moradores da rua Clarimundo de Melo e adjacências aproveitam a oportunidade da festa para a atividade do comércio, utilizando-se de portões e garagens de suas casas, em zonas limítrofes com a rua, como infraestrutura.

Em Quintino, também podemos observar intensa movimentação de devotos a partir da noite do dia 22, pois a missa da alvorada, geralmente às 05 horas do dia 23, é, como no

centro da cidade, muito disputada e prestigiada, sendo iniciada por uma queima de fogos – que acontece também em muitos pontos da cidade –, seguida do “toque da alvorada” em um clarim.

Muitos devotos enfrentam a madrugada de espera em cumprimento a promessas feitas e graças alcançadas. A partir de sua experiência de pesquisa, Arruda diz que os devotos em Quintino lhe relataram diversas dificuldades enfrentadas para passar a noite de vigília, e que também ressaltaram a grande multidão e agitação no momento de adentrar a igreja. Entretanto, os relatos também revelam que “consideram que a participação na missa da alvorada consiste em uma oportunidade sem igual para realizarem seus pedidos: momento em que tudo o que se solicita ao santo é obtido”.

Prometi que tenho que ser o primeiro a entrar na igreja durante sete anos. Depois disso, posso chegar mais tarde, vir na missa só na parte da manhã mesmo.

(Cosme, entrevista a Arruda)

Outra estratégia que podemos citar como exemplo, em relação ao espaço, foi a construção de uma capela em homenagem a São Jorge no Largo do Bodegão, em Santa Cruz. Nesse local, desde a década de 1960, são realizadas festas com esse intuito, incluindo uma grande cavalgada. Entretanto, a inauguração da capela aconteceu apenas recentemente, no ano de 2006.



Cavalgada em Santa Cruz, 2005. Acervo CNFCP

Além da cavalgada em Santa Cruz, também podemos citar a que acontece no município de Queimados (RJ) e que já assume algumas características limítrofes com o universo rural, como observamos no registro fotográfico.



Cavalgada em Queimados, 2009

De caráter marcadamente urbano é a celebração promovida pela escola de samba Império Serrano, de Madureira, a partir da

qual uma grande carreata é organizada. Uma imagem do santo é levada por um carro do Corpo de Bombeiros, sendo acompanhada por vários carros particulares por um percurso que abarca vários bairros da Zona Norte, conforme o seguinte trajeto: saindo da quadra da Império Serrano, passam por um centro de umbanda ligado à escola de samba, depois pela Paróquia de São Jorge, em Quintino, pela quadra da Imperatriz Leopoldinense – escola de samba da qual a Império Serrano foi madrinha de batismo – e, por fim, retornam ao ponto inicial, onde a carreata culmina com uma feijoada regada a muito samba.



Carreata Império Serrano, 2008



Centro do Rio de Janeiro, 2009

Os diferentes usos e significados dos espaços de festa sugerem mudança substancial da paisagem urbana no dia atribuído a São Jorge, sobretudo após a promulgação da data como feriado em sua homenagem, antes municipal e, posteriormente, estadual. Certamente, o decreto influenciou na quantidade de frequentadores de suas festas e celebrações, como apontam dados da Polícia Militar e de representantes de irmandades ligadas à organização das festas (Pitrez, 2007).

A instituição de uma data fixa para o feriado altera a vida urbana não apenas na natureza das atividades da cidade, mas também no seu ritmo, pois aquele passa a ser marcado como um dia de não trabalho. Facilitada a mobilidade das pessoas, que, justamente por estarem dispensadas dos horários de trabalho, podem circular pelos locais de celebração se assim o desejarem, a cidade configura-se como verdadeiro circuito com pontos diferenciados de celebrações dedicadas ao santo.



DEVOÇÃO E MEDIAÇÃO DE FRONTEIRAS

A devoção aos santos é construída coletiva e individualmente, podendo ser justificada e expressa de maneiras diferentes. Segundo Menezes (2004), há relações de devoção que se estabelecem de maneira quase que “natural”: são aquelas que o devoto herda de algum membro de sua família, e ainda as relacionadas à data e local de seu nascimento.

Isso começou de tradição, porque meu pai é devoto de São Jorge e eu aprendi a ser devoto também, com o carisma que tinha, com as pessoas, e por incentivo dele também. (...) Minha mãe também, ela é devota, meu irmão... praticamente de família.

(Mário César de Oliveira Figueiredo, entrevista às autoras, 2011)

Essa naturalização também se deve à maneira como vivenciamos o tempo e o espaço. Se problematizarmos essa questão podemos observar que o próprio calendário gregoriano adotado por muitos países, inclusive o Brasil, se constitui no seio da tradição católica. Nele, cada santo tem seu dia de celebração institucionalizado pela igreja e/ou comemorado popularmente. Assim, é comum que crianças nascidas no dia de um santo recebam seu nome. Além disso, muitos lugares são associados a determinados santos devido a relações de padroado estabelecidas; sendo assim, muitas pessoas também podem receber o nome do santo por terem nascido em localidades a ele associadas. Nessa perspectiva, cada indivíduo já nasce potencialmente vinculado a variados santos, conforme sua simples existência no tempo e espaço (Menezes, 2004).

Além dessas possíveis vinculações, podemos falar daquelas construídas ao longo da trajetória de vida da pessoa, conforme episódios biográficos valorizados intimamente e a partir de elementos característicos dos santos. Um devoto pode vir a se

Igreja Matriz de São Jorge, Quintino, 2007



identificar com um santo por este ter-lhe concedido uma ou mais graças, provadas e narradas, como todas, ou por depositar votos naquilo que se espera o santo poder ajudar.

São Jorge protege a mim e a minha família sempre, peço sempre proteção e força a ele desde que meu marido faleceu.

(Dona Sueni, entrevista a Arruda)

Assim, pode-se dizer que uma simples conversa com um santo não implica uma automática relação de devoção. No Brasil, é comum as pessoas simpatizarem com mais de um santo, até mesmo simultaneamente, sem necessariamente criar, ou declarar possuir, um vínculo como o de devoto. Isso porque aos santos se atribuem especialidades, conforme seu repertório de atributos.

Indivíduos podem recorrer a um santo devido a algum problema ou necessidade que se relacione com a sua especialidade, fazendo-lhe promessas e retribuindo-o/a caso a graça se concretize.



Já a devoção implica vínculos mais duradouros e de caráter íntimo entre devoto e santo, que se estabelecem de forma profunda e se baseiam no conhecimento mútuo, em relações de confiança e de fé, e que podem assumir formas semelhantes à amizade (Menezes, 2004). Medeiros (1995) lembra que, apesar de o santo ser muitas vezes considerado um amigo, o caráter íntimo da devoção não é isento de uma hierarquia constituinte.

Sou devoto de São Jorge e São João, pois além de ser devoto eu gosto da festa desses santos.

[mulher, 29 anos, entrevista a Menezes, 2004:236]

Podemos ver como o catolicismo popular é mágico ao ponto de cada santo exercer a tutela sobre um setor específico da vida – se eu quero me casar, rezo a Santo Antônio, se quero algo ‘impossível’, peço a São Judas Tadeu, e assim por diante. No entanto, para aquele santo de quem sou devoto, peço tudo, entrego a minha vida,

independente das especialidades dele às quais as pessoas recorrem. São Jorge é tido como um santo que tem o dom de curar doentes em estado grave, e principalmente de oferecer proteção contra situações de risco e violência.

No caso de sua devoção, podemos ver que, “como outros santos, cruza fronteiras religiosas, étnicas, morais e sociais” (Pitrez, 2007:36). Trata-se de um santo que não é cultuado apenas por católicos, mas também por umbandistas e candomblesistas; não apenas pelos soldados militares e policiais, mas



Toque em homenagem a Ogum na festa de São Jorge, Centro, RJ, 2009



também por transgressores da lei; não apenas por uma classe social, mas por muitas. Trata-se assim de um santo que dilui diferenças sociológicas, contribuindo para tal imaginário a comemoração de seu dia, quando a cidade se encontra, sem esquecer completamente suas tensões cotidianas, em respeito à devoção.

Um elemento que impressiona quanto à devoção a São Jorge é a profusão de representações iconográficas espalhadas pela cidade, em diversos materiais e suportes, acessíveis a qualquer observador atento. Encontra-se essa iconografia em inusitados espaços e elementos urbanos, como paredes de edifícios, muros, calçadas, túneis, passarelas, vidros de carro, ou mesmo na vestimenta das pessoas, como camisetas, anéis, medalhas, bonés, e no próprio corpo, como no caso de tatuagens. Atualmente, a experiência visual provocada pela abundância e recorrência de imagens de São Jorge é por si sugestiva de qual o seu lugar simbólico no cotidiano da cidade e representa um dado de sua paisagem urbana. Assim, a evocação constante dessa imagem, para além da projeção que alcança em termos de mídia, nos diz algo sobre a maneira como se vive a cidade. O uso da imagem comunica aos outros a conexão com o santo e a proteção que este confere.

De fato, a representação iconográfica de São Jorge pode ser múltipla, mas existem dois tipos de imagens que são recorrentes. Uma dessas formas é a do soldado romano montado em seu cavalo



branco, um São Jorge que é muitas vezes relacionado por seus devotos, segundo Arruda (2008), à imagem do santo vitorioso, pois se reporta ao momento imediato após a vitória em combate. Podemos encontrar uma imagem desse tipo na Igreja dos Veneráveis Mártires São Gonçalo Garcia e São Jorge.

O segundo tipo de imagem, mais difundido, é o que retrata o ápice da batalha entre São Jorge e o dragão, no momento exato em que o vence, ferindo-o com uma lança. É essa a cena que se fixou no imaginário popular e aparece nos folhetos de cordel, em esculturas em barro e em madeira.

Arruda aponta que essa imagem é resultado da composição de variados elementos: o cavalo, o dragão, a lança, a espada embainhada e a capa vermelha que o santo veste.



Acervo CNFCP



Sou devoto de São Jorge, do dragão e de seu cavalo.
(Fala da peça teatral *Anjo Malaquias*, em Arruda, 2008)

Baseada em depoimentos de devotos sobre as imagens, Arruda menciona ser essa a mais popular, porque aciona a ideia da vitória contra o mal que é conquistada pela luta. Cristalizado dessa forma, o momento é celebrado quase que cotidianamente, e a vida assim seria um contínuo de batalhas diárias a serem vencidas pelo devoto que tem fé em São Jorge, o santo guerreiro.



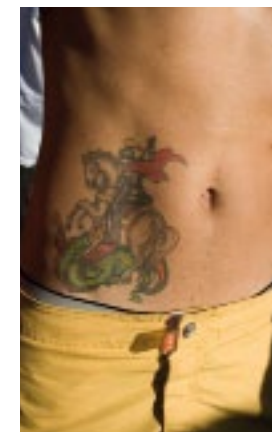
Detalhe de bordado de colete do bumba-meu-boi, MA, 2001. Acervo CNFCP

Nós vivemos em um mundo de intrigas, de violência, de assaltos e de muitas injustiças. O dragão representa isso tudo: ele representa a maldade do nosso mundo.

(entrevista a Arruda)

Além de ser a imagem mais difundida, remete à característica atualmente mais ressaltada e celebrada do santo: seu caráter de guerreiro. Assim, a ele é atribuída a proteção tanto dos inocentes, para que não se firam em batalhas que não são as suas, mas também daqueles que estão na linha de frente dos conflitos.

A proteção física também é uma evocação comum no que diz respeito ao corpo dos devotos. Isso pode ser observado pelo uso de adereços bem próximos a ele, como as medalhas, em geral carregadas junto ao peito, simbolizando e celebrando a intimidade e proximidade com o santo, além da sua proteção. Nesse aspecto, as tatuagens também indicam esse tipo de relação próxima e íntima, em um grau muito elevado, pois neste caso a imagem do santo é algo que se inscreve no corpo do devoto de maneira permanente. Em muitos casos, as tatuagens são feitas após uma graça especial recebida e atribuída ao santo.



O poder de proteção do corpo também pode ser observado como uma característica marcante do culto ao orixá Ogum, requisitado muitas vezes para o “fechamento do corpo” de seus filhos. Com essa ação, o corpo do devoto se tornaria imune a qualquer perigo.

Outro elemento simbolicamente associado ao santo é a cruz, presente em muitas festas e celebrações, geralmente nas cores vermelha e branca, que são as cores do santo. Essa representação

é a mesma da bandeira da Inglaterra, que, segundo Pitrez (2007), foi copiada dos gregos.

Podemos mencionar ainda a planta espada-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata*). Essa espécie é, com frequência, posicionada estrategicamente nas portas de residências ou de estabelecimentos comerciais a título de proteção, justamente devido à associação com o santo. É sabido também que em terreiros de umbanda, nas festas de São Jorge ou em sessões de cura, os médiuns “incorporam” os mensageiros de Ogum, que usam a espada-de-são-jorge para dar passes na assistência.



Ogum em palha de milho. Eliana Morena, Lumiar (RJ). Acervo CNFCP

Por fim, retomamos um elemento simbólico já mencionado, mas que por sua força não poderíamos deixar de citar mais uma vez: a associação frequente do santo com a lua. Sua figura montada em seu cavalo, matando o dragão, cena que pode ser vislumbrada quando a lua está cheia, plenamente iluminada pelo sol, liga por associação esse satélite natural, em qualquer uma das fases em que se encontre, a São Jorge, que pode muitas vezes não estar visível, mas, segundo se sabe, está lá⁹.

Seja qual for a forma de celebrá-lo e representá-lo, São Jorge evoca uma série de signos que pretendem comunicar o modo como seus devotos se colocam no mundo.

Esse valoroso soldado romano, que lutou as mais diversas batalhas e cruzou as mais longínquas fronteiras, instalou-se, vitorioso e santificado, no coração de milhões de devotos, que ostentam sua imagem, sua cruz e suas cores nos altares, nas casas, nas vias públicas e no corpo. Do século IV aos dias de hoje, desde o Oriente na Capadócia até o Rio de Janeiro, das igrejas até os terreiros de umbanda e candomblé, das batalhas armadas aos campos de futebol, esse longo e sinuoso trajeto se firma, sólido, nas muitas faces de sua devoção – nas muitas faces de Jorge.

⁹ Entre os 360 graus do zodíaco, há sete graus dedicados à exaltação dos sete planetas tradicionais. O grau de exaltação da Lua, o lumiar da noite, é o terceiro grau do signo de touro. No caminhar do Sol pelo zodíaco ao longo do ano, ele passa pelo terceiro grau de Touro no dia 23 de abril, data dedicada a São Jorge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, B. *As sagas de Jorge: festa, devoção e simbolismo*. 2008. 111f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BARTHOLO, M.E.C. *Seja feita a tua vontade: um estudo sobre santidade culto aos santos no catolicismo brasileiro*. 1991. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia)- Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

CASCUDO, L.C. *Religião do povo*. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

GUTTILLA, R. *A casa do santo e o santo de casa: um estudo sobre a devoção a São Judas Tadeu do Jabaquara*. São Paulo: Landy, 2006.

MACHADO, M.A. *São Jorge: arquétipo, santo e orixá*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2009.

MEDEIROS, B. *Entre almas, santos e entidades outras no Rio de Janeiro: os mediadores*. 1995. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

MENEZES, R. *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

PRANDI, R. *A mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PITREZ, M.C. *23 de Abril – festa de São Jorge: um estudo sobre a oficialização de um dia de santo em feriado municipal na cidade do Rio de Janeiro*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia)- Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, B.C. *Notas sobre os ofícios mecânicos na festa do corpo de Deus*. Rio de Janeiro: XII encontro regional de História ANPUH, 2006.

_____. Santo Guerreiro. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro; v. 5, n. 58, p. 76-79, jul. 2010.

SANTOS, G.S. Santo Guerreiro. *Nossa História*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p.14-20, 2004.

_____. *O ofício e o sangue: a irmandade de São Jorge e a inquisição na Lisboa moderna*. Lisboa: Colibri, 2005. (Coleção Travessia, n. 5)

_____. *A sombra da Inquisição: a trajetória do culto de São Jorge na Lisboa do antigo regime*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2006.

VAZARRE, J. *Legenda Áurea*: São Jorge. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERGER, P. *Orixás, deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1997, 5a. ed., p. 14.

ZALUAR, A. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.







CENTRO
NACIONAL
DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

ISBN 978-85-7334-184-3



9 788573 341843